TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DE UNIDADES LEXICAIS QUE DESIGNAM ENFERMIDADES CUTÂNEAS: UMA ANÁLISE COMPARATIVA

LEXICOGRAPHICAL TREATMENT OF LEXICAL UNITS THAT DESIGNATE CUTANEOUS DISEASES: A COMPARATIVE ANALYSIS

Carolina Domladovac Silva[1]

Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa[2]

RESUMO: O propósito deste artigo é apresentar uma análise do tratamento lexicográfico aplicado a unidades lexicais que designam enfermidades cutâneas em quatro diferentes dicionários da língua portuguesa. O olhar comparativo incide especificamente sobre os modos de organização da macro e da microestrutura de três grandes obras de referência da língua portuguesa no Brasil, que levam o nome de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, um de nossos maiores dicionaristas, além da consulta a um dicionário documental histórico do português do Brasil, ainda inédito, e a um banco de dados *on-line* para verificação da possível ocorrência de unidades lexicais que não foram contempladas na nomenclatura de um dos dicionários em questão. Procedeu-se a uma análise comparativa entre as definições encontradas, no intuito de comentar a tipologia estabelecida pelos teóricos estudados, além de apresentar um breve histórico da evolução no tratamento lexicográfico de tais unidades, no que tange à relevância e especialização das definições. Algumas dessas enfermidades que acometiam os brasileiros do século XVIII ainda os acometem nos dias atuais. O estudo contribui não só para o entendimento dos conceitos de macro e microestrutura, como também para uma reflexão de como devem se delimitar tais estruturas.

Palavras–chave: Tratamento lexicográfico; definição; enfermidade.

ABSTRACT: The purpose of this article is to present an analysis of the lexicographical treatment applied to lexical units which designate cutaneous diseases in four different Portuguese-language dictionaries. The comparative view focuses specifically on the modes of organization of the macro and the microstructure of three major Brazilian Portuguese reference works which bear the name of Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, one of our greatest lexicographers. When analyzing such units and presenting the macro- and microstructures, it was necessary to consult reference books of the Portuguese

1 UNESP, Araraquara-SP, aluna do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, bolsista do CNPq - Brasil, Correio eletrônico: caroldomla@gmail.com

2 UNESP, Araraquara-SP, Professora Doutora, Professor Assistente Doutor, Correio eletrônico: clotildeaazm@gmail.com

language and online databases in order to verify the possible occurrence of lexical units that were not included in the nomenclature of one of the dictionaries in question. To this end, a comparative analysis of the definitions found was conducted to review the typology established by theoretical studies and present a brief history of the evolution in the lexicographical treatment of such units regarding their relevance and specialization. Some of these diseases which affected Brazilians in the eighteenth century still affect them today. This study contributes not only to the understanding of the concepts of macro- and microstructure, but also to a reflection on how such structures should be defined.

Keywords: Lexicographical treatment; definition; diseases.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista que o propósito principal da Terminologia é atender às necessidades específicas de um domínio, o presente artigo pretende contribuir para as áreas de Estudos do Léxico, considerando-se relevante, ainda, nas áreas de História e Ciências da Saúde.

O *corpus* principal por nós selecionado, a saber, a obra *Erário Mineral*, elaborada pelo cirurgião-barbeiro[3] português Luís Gomes Ferreira e editada pela primeira vez em Lisboa, em 1735, constitui um dos primeiros tratados de medicina brasileira escrito em língua portuguesa.

Partindo de uma descrição criteriosa dos males frequentes em Minas, de suas experiências na cura e de uma importante relação dos medicamentos utilizados na época com suas respectivas funções, Luís Gomes Ferreira reúne nesse tesouro médico, constituído de 12 tratados subdivididos em capítulos, o conhecimento que se tinha até então, oferecendo, portanto, aos pesquisadores das áreas envolvidas um vasto material principalmente no que se refere ao vocabulário que reflete com detalhes a prática médica realizada por cirurgiões e cirurgiões-barbeiros no âmbito da mineração.

O artigo proposto tem como objetivo central apresentar uma análise do tratamento lexicográfico aplicado a algumas unidades lexicais que designam enfermidades cutâneas, - as quais acometem os brasileiros desde o século XVIII, conforme documentado em nosso *corpus*, - exemplificando, assim, os diferentes modos de organização da macro e da microestrutura dos dicionários em análise.

METODOLOGIA

Para o presente trabalho de análise comparativa entre dicionários de língua, escolhemos um conjunto de três verbetes referentes às unidades lexicais **carbúnculo**, **erisipela** e **lepra**, que se encontram documentadas no *Erário Mineral* (1735) e, pertencentes ao âmbito da Medicina, mais especificamente, à Dermatologia.

[3] Os cirurgiões-barbeiros não eram médicos, mas a partir da leitura sobre a medicina praticada na Europa, da arguta observação dos costumes locais e dos recursos simples utilizados por índios e negros, não só descreviam minuciosamente os principais males frequentes em Minas, como também experimentavam e propunham meios eficazes de cura. Tornaram-se essenciais, tendo em vista as condições de vida na época. (FURTADO, 2005).

As unidades lexicais selecionadas em nosso *corpus* designam, entre outras acepções, enfermidades relacionadas à pele e pode-se dizer, — uma vez que tenham sido encontradas num contexto específico — que se ativam como termos por estarem inseridas em uma linguagem de especialidade (CABRÉ, 1999, p. 123). Apresentam-se, assim, como parte do vocabulário terminológico da medicina do século XVIII.

À análise do tratamento lexicográfico dessas unidades, bem como à apresentação da macro e da microestrutura fez-se necessária a consulta a obras de referência da língua portuguesa. Escolhemos, para tanto, os seguintes dicionários de língua, quais sejam:

- *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* (PDBLP, 1972), nova reimpressão da 11.ª edição, organizada por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e José Baptista da Luz; com cerca de 60.000 verbetes; teve treze edições;
- *Novo dicionário da língua portuguesa* (NDLP, 1986), 2.ª edição revista e aumentada, 35.ª impressão, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, com mais de 100.000 verbetes, aproximando-se, pois, do dicionário tipo *thesaurus*;
- ***Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 7.0* (NDEA, 2010),** edição eletrônica da 5.ª edição do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, **comemorativa, publicada em homenagem ao** famoso dicionarista brasileiro Aurélio Buarque de Holanda Ferreira **que completaria 100 anos de idade no ano de sua publicação;**
- ***Dicionário Histórico do Português do Brasil — séculos XVI, XVII e XVIII (CNPq)* (DHPB, inédito), dicionário histórico documental organizado pelas professoras Maria Tereza Camargo Biderman e Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa; com uma nomenclatura de 10.470 verbetes,** suas definições partem do próprio discurso dos autores da época.

Sobre a escolha das obras de referência em análise, partimos do pressuposto de que três grandes obras lexicográficas (PDBLP, NDLP, **NDEA)** pertinentes ao mesmo lexicógrafo, mas publicadas em épocas distantes, poderiam nos oferecer um panorama a respeito da evolução do próprio fazer dicionarístico, como também de seus resultados. A quarta obra (DHPB), ainda inédita, foi elaborada com base em textos produzidos no período de 1500 a 1808, justificando-se assim sua utilização no que se refere à definição das unidades selecionadas, fundamentada no universo discursivo do século XVIII.

Fez-se necessária, ainda, a consulta ao *Banco de Dados do Dicionário Histórico do Português do Brasil (séculos XVI, XVII e XVIII)* para verificação da possível ocorrência de unidades lexicais que não foram contempladas como entradas no DHPB, mas que possivelmente ocorram em nosso *corpus*.

ANÁLISE COMPARATIVA

Não nos aprofundamos, nesse artigo, no estudo da definição do que vem a ser "palavra", mas tomamos como base as reflexões teóricas do filólogo galego José-Álvaro Porto Dapena (2002), em especial, sua aceitação da palavra "como unidade linguística plenamente válida para ser adotada como protótipo das entradas do dicionário"[4] (PORTO

[4] "[…] como unidad lingüística plenamente válida para ser adoptada como prototipo de las entradas del diccionario […]." (Porto Dapena, 2002, p. 170).

DAPENA, 2002, p. 170, tradução nossa), para discorrermos sobre a organização de sua nomenclatura.

As quatro obras de referência selecionadas caracterizam-se como dicionários monolíngues semasiológicos, cujas entradas estão organizadas pela ordem alfabética. A versão digital **(NDEA, 2010), no entanto, possibilita ao consulente outras formas de acesso às entradas por meio de *hiperlinks* ou de busca avançada, por exemplo.**

Quanto à lematização, os quatro dicionários parecem adotar a prática geralmente aceita na lexicografia e consideram **entradas** somente "as unidades lexicais constituídas por um único vocábulo, ainda que este não seja empregado fora de um determinado contexto ou expressão fixa"[5] (PORTO DA PENA, 2002, p. 174, tradução nossa). As unidades lexicais complexas ("expressões sintagmáticas", no caso do DHPB) e as locuções são consideradas **subentradas** e são tratadas dentro do verbete correspondente a um de seus componentes.

Bugueño Miranda e Farias (2011, p. 31) afirmam que "a definição das palavras é o principal tipo de informação procurada em dicionários semasiológicos, desempenhando, dessa forma, o papel mais importante no interior da microestrutura dessas obras".

Acerca da "definição lexicográfica" em seu conceito mais amplo considera-se "todo tipo de equivalência estabelecida entre a entrada e qualquer expressão explicativa da mesma em um dicionário monolíngue"[6] (PORTO DAPENA, 2002, p. 269, tradução nossa). Equivalência, pois, produzida entre dois elementos constitutivos da definição: o **definido** ou ***definiendum*** (palavra-entrada) e o **definidor** ou ***definiens*** (expressão explicativa ou definição). Este último será representado por um texto metalinguístico, em que segundo Rey-Debove e M. Seco (apud BOSQUE, 1982, p. 105), distinguem-se as "definições próprias", formuladas na "metalinguagem do conteúdo", e as "definições impróprias", formuladas na "metalinguagem do signo". Sobre tal distinção afirma Porto Dapena:

> A metalinguagem de conteúdo é utilizada para definir o significado da palavra que atua como entrada ou **definiendum**, por isso, sem dúvida é a mais frequente e, portanto, é adotada sempre que possível, com preferência frente à segunda metalinguagem, que, por sua vez, deverá reservar-se para as palavras que carecem de um verdadeiro significado léxico. (2002, p. 270, tradução nossa)[7]

Para estabelecer uma tipologia da definição, o filólogo espanhol Ignacio Bosque (1982, p. 105 e p. 111) emprega dois critérios, os quais considera fundamentais: 1) quanto à natureza da metalinguagem empregada, e 2) quanto à natureza do definido (*definiendum*) e à informação proporcionada na definição.

As definições que abaixo seguem, organizadas em diversos quadros, foram retiradas dos quatro dicionários selecionados (PDBLP, 1972; NDLP, 1986; **NDEA, 2010; DHPB, inédito**). Procedemos a uma análise comparativa entre essas definições, no intuito de comentar a tipologia estabelecida por Bosque (1982), além de apresentarmos

---

5 *"[...] las unidades léxicas constituidas por un único vocablo, aun en aquellos casos en que éste carezca de uso fuera de un determinado contexto o expresión fija [...]."* (Porto Dapena, 2002, p. 174).

6 *"[...] todo tipo de equivalencia establecida entre la entrada y cualquier expresión explicativa de la misma en un diccionario monolingüe."* (Porto Dapena, 2002, p. 269).

7 "La metalengua de contenido se utiliza para definir el significado de la palabra que actúa como entrada o definiendum, por lo que es sin duda la más frecuente y, desde luego, se adopta siempre que es posible, con preferencia frente a la segunda metalengua, que, por su parte, deberá reservarse más bien para palabras que carecen de verdadero significado léxico." (Porto Dapena, 2002, p. 270).

um breve histórico da evolução no tratamento lexicográfico de tais unidades, no que tange à relevância e especialização das definições.

A microestrutura dos quatro dicionários selecionados traz algumas informações sobre a expressão do signo, bem como algumas informações de ordem pragmática:

- O PDBLP (1972) traz para todos os verbetes selecionados a categoria gramatical e o gênero, bem como a marca de especialidade (Med.); é abundante na sinonímia.
- O NDLP (1986) traz informações etimológicas, a categoria gramatical, o gênero, as marcas linguísticas (de especialidade, diatópicas, diafásicas), além de ordenar numericamente suas acepções; também é abundante na sinonímia.
- **O NDEA (2010) traz as mesmas** informações do dicionário anterior, mas por ser eletrônico, oferece, ainda, a opção de utilização de cores para distinção de cada informação da microestrutura.
- **O DHPB (inédito) traz a** categoria gramatical, o gênero, as variantes (todas contempladas por abonações), as acepções ordenadas numericamente; as abonações, presentes em todas as acepções, são acompanhadas das respectivas informações: autor do texto, datação, obra em que se encontra, código e página relacionados à organização do banco de dados, de onde foi retirada; as expressões sintagmáticas (e/ou locuções); e a 1.ª datação (primeira vez que a unidade ocorre no *Banco de Dados do DHPB*).

Nos três primeiros dicionários (PDBLP, 1972; NDLP, 1986; NDEA, 2010), a sinonímia é abundante. Já no DHPB, ela não é tratada.

Embora o DHPB seja inédito — obra, portanto, mais recente em relação aos outros dicionários considerados — suas definições assentam-se no valor semântico das palavras no período considerado, e servir-nos-ão para documentar possíveis variações semânticas, uma vez que abarcam o léxico de um período mais antigo (séculos XVI, XVII e XVIII).

Quadro 1: Definições de *carbúnculo*

dicionários	definições
PDBLP (1972)	**Carbúnculo**, *s.m.* (Med.) Doença infecciosa comum ao homem e aos animais (sinôn.: *pústula maligna, edema maligno, antraz maligno*); granada nodular, lapidada em cabucho (sinôn.: *toque*).
NDLP (1986)	**carbúnculo**. [Do lat. *carbunculu*.] *S.m.* **1.** Antiga designação da granada almandina, lapidada em cabucho; toque. **2.** *Patol*. Carbúnculo hemático. **3.** *Patol*. Infecção necrosante da pele e tecido subcutâneo, habitualmente causado pelo *S. aurens hemolyticus*, e que produz lesão com bordas endurecidas e vários orifícios fistulosos que eliminam secreção purulenta. [Pode ser considerado como um furúnculo com múltiplos focos.] ♦ **Carbúnculo hemático.** Doença infecciosa comum a vários animais (bovinos, ovinos, caprinos e, raramente, equinos), causada pelo *B. antharacis*, e que, acidentalmente, incide no homem, causando lesão cutânea (pústula maligna), podendo evoluir para grave septicemia. [Tb. se diz apenas *carbúnculo*.]
NDEA (2010)	**carbúnculo** [Do lat. *carbunculu*, "pequeno carvão".] **Substantivo masculino.** 1. **Antiga designação da granada almandina, lapidada em cabucho; toque.** 2. Med. **Antraz (1).** 3. Med. **Infecção necrosante da pele e tecido subcutâneo, habitualmente causada pelo *S. aurens hemolyticus*, e que produz lesão com bordas endurecidas e vários orifícios fistulosos que eliminam secreção purulenta.** [Pode ser considerado como um furúnculo com múltiplos focos.] **Carbúnculo hemático.** Med. Doença infecciosa comum a vários animais (bovinos, ovinos, caprinos e, raramente, equinos), causada pelo *B. antharacis*, e que, acidentalmente, incide no homem, causando lesão cutânea (pústula maligna), podendo evoluir para grave septicemia. [Tb. se diz apenas *carbúnculo*.]

continua

DHPB (inédito)	**carbúnculo** *s.m.* variantes: carbunculo, carabunculo, carbuncolo. 1. Nome dado ao rubi grande e brilhante. […] como se Deus autor da natureza coadunasse nela, como em compêndio, a formosura preciosa, e a formosa preciosidade de todas as mais pedras: porque nela se vê, e admira a fineza, e resplandor do diamante, o carmezim do rubi, a claridade do **carbúnculo**, o verde da esmeralda, e a variedade admirável de todas as mais pedras preciosas. PE. JOÃO DANIEL (1976) **[1757]**, PARTE PRIMEIRA - CAP. 11.º - DE ALGUMAS COUSAS NOTÁVEIS DO MESMO RIO [A00_1813 p. 62]. **Carbuncolo** - Hé esta pedra vermelha, transparente, e lindisima; tem a sua produção de bai o da terra, dentro de outra vermelha, e côr de roza, aonde se forma da sua propria materia, e substca […]. JOSEPH BARBOZA DE SAÁ (1999) **[1765]**, [V]. NOTICIA DE VARIAS PEDRAS PRECIOSAS, E SIMES RARIDADES, Q" HÁ NO BRAZIL COM A DISTINÇÃO, E CIRCUNSTCAS DE CADA HÚA DELAS [A00_2212 p. 88]. 2. Tumor vermelho, duro, redondo, pontiagudo com uma ou mais pústulas no meio que se transformam em crosta cinzenta ou negra; podem ser simples ou de origem pestilencial. […] advertindo mais, que nos tumores de materia crassa, como saõ os lobinhos, e as alparcas, se porá em circulo, e em cima delles em fórma de xadrez; applicando-o hum dia, e outro naõ: o mesmo se observará no apostemas malignos, como saõ os **carabunculos**, antrazes, cirros, e cancros […]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) **[1735]**, DA RARA VITRTUDE DO OLEO DE OURO; DAS MUYTAS ENFERMIDADES,PARA QUE SERVE, E OBSERVAÇOENS DE CURAS EXCELLENTISSÍMAS, QUE COM ELLE SE TEM FEYTO [B00_0033 p. 266]. **1.ª datação [1672]** […] hum perfeyto, e excellente Prelado deve trazer impressas na alma as virtudes, que representavaõ aquellas pedras, que trazia no peyto, Eraõ ellas, segundo o Texto, e algumas Exposiçoens, o Rubim,o Topazio, a Esmeralda, o **Carbunculo**, a Safira, o Diamãte, o Jacinto, o Achate, o Amethysto, o Chrysolito, a Sardonica, e oBerillo. PE. FR. EUSEBIO DE MATTOS (1735) **[1672]**, ORAÇAM FUNEBRE NAS EXEQUIAS DO ILUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR D. ESTEVAM DOS SANTOS BISPO DO BRASIL CELEBRADAS NA SÉ DA BAHIA A 14 DE JULHO DE 1672 [B00_0025 p. 22].

Fonte: Elaboração própria

Neste primeiro quadro, temos quatro diferentes definições para a unidade lexical **carbúnculo**.

O *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* (PDBLP, 1972), antes mesmo da definição "*doença infecciosa*", insere a marca diatécnica "(Med.)", abreviação de Medicina, o que indica que as informações pertencem a um domínio específico do conhecimento. Traz também alguns sinônimos (todos eles, designações binominais: *pústula maligna*, *edema maligno* e *antraz maligno*), cujas definições, presentes na mesma obra no interior dos verbetes **pústula**, **edema** e **antraz**, respectivamente, nos remetem apenas a **carbúnculo** "(V. carbúnculo)". Todos os sinônimos coligidos nos conduzem ao domínio da pele, dos tecidos, mas, ainda que desconhecêssemos os significados de **pústula**, **edema** e **antraz**, poderíamos comprovar que tais doenças acometem a pele, através de suas definições, arroladas no Quadro 2:

Quadro 2: Trechos das definições de **pústula**, **edema** e **antraz**, no PDBLP (1972)

Definições
Pústula, *s.f.* (Med.) Elevação da epiderme, que contém líquido purulento […]
Edema, *s.m.* (Pat.) Acúmulo patológico de líquido proveniente do sangue, em qualquer tecido ou órgão […].
Antraz (anthraz), *s.m.* (Med.) Aglomeração de furúnculos; inflamação do tecido conjuntivo difuso […].

Fonte: Elaboração própria

Os verbetes do PDBLP (1972) são etiquetados por marcas de especialidade, ora relativas à etiqueta *Medicina* "(Med.)", ora à etiqueta *Patologia* "(Pat.)". Essa oscilação entre as marcas linguísticas diatécnicas, ora mais, ora menos específicas, **leva-nos a crer que haja**

falhas na etiquetação dos verbetes deste dicionário, uma vez que a forma "(Pat.)" (presente no verbete *edema*, por exemplo) deveria ser utilizada para marcar as acepções que se referem a doenças ou patologias. Ao contrário, logo de início, nos deparamos com a definição da unidade *carbúnculo* como "doença", mas etiquetada com a marca "(Med.)".

O *Novo dicionário da língua portuguesa* (NDLP, 1986) utiliza a marca de especialidade "*Patol.*" (Patologia) somente na segunda e terceira acepções, indicando que o significado principal da unidade não se refere a uma doença. No entanto, a acepção 2, que nos remete a *carbúnculo hemático*, arrolada mais adiante como unidade lexical complexa e definida como "Doença infecciosa [...] que, acidentalmente, incide no homem, causando lesão cutânea [...]", e a definição da acepção 3 "Infecção necrosante da pele e tecido subcutâneo [...]" indicam que se trata de doença relativa à pele. Nesse caso, duas doenças de pele, causadas por diferentes agentes.

O *Novo Dicionário* **Eletrônico Aurélio versão 7.0 *(NDEA, 2010) traz exatamente as mesmas definições do*** NDLP (1986), exceto para a segunda acepção. Ao invés de nos remeter à unidade lexical complexa, também definida mais adiante, remete-nos ao verbete *antraz* (1), cuja definição é a seguinte:

Quadro 3: Definição de **antraz** (1), no NDEA (2010)

Definições
antraz [Do gr. *ánthrax* "carvão", pelo lat. *anthrace*.] **Substantivo masculino.** Med. 1. **Doença infecciosa que incide em animais e, eventualmente, no homem, devida, ger., ao *Bacillus anthracis* ou a seus esporos, e originada em pastagens infectadas, ocorrendo, diretamente, em herbívoros, ou indiretamente, em carnívoros, pela ingestão de carcaças contaminadas. Pode transmitir-se ao homem por contato ou com animais infectados, ou por produtos deles provenientes, podendo a contaminação ocorrer pelas vias cutânea, digestória, e respiratória.** [Sin.: *carbúnculo*.] 2. [...]

Fonte: Elaboração própria

Notamos, pela primeira acepção de *antraz*, que se trata da mesma doença descrita na unidade lexical complexa *carbúnculo hemático* do dicionário anterior (NDLP, 1986), bem como deste, causada pelo "*Bacillus anthracis*" e que "[Tb. se diz apenas carbúnculo.]".

A inserção da marca de especialidade "Med.", antes de qualquer acepção, nos leva a crer que a segunda acepção também se refere a doença ou a algo relacionado ao âmbito da Medicina. No caso desse dicionário, a oscilação na etiquetação das definições também é falha, uma vez que registra em sua lista de abreviaturas, não somente a marca de especialidade "Med." para Medicina, como também "Patol." para Patologia, e "Derm." para Dermatologia.

De qualquer maneira, é a primeira vez que se faz referência ao verbete antraz, em relação a *carbúnculo*, dentre as obras analisadas, embora o NDLP (1986) também faça referência ao mesmo bacilo causador da doença.

O ***Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII (CNPq)*** **(DHPB, inédito) mostra-nos, através da primeira datação da unidade ("[1672]") no período considerado, que a definição hiperonímica mais antiga para carbúnculo não coincide com doença e, sim, a uma gema, uma pedra preciosa de coloração vermelha.**

Podemos concluir, assim, que a doença foi denominada "carbúnculo", provavelmente, pela associação metonímica a "carvão", origem etimológica da unidade *carbúnculo*, como registram o NDLP (1986) e o **NDEA (2010), e como podemos notar na definição do DHPB (inédito), que afirma que "as pústulas" de tal "tumor"** "se transformam em crosta cinzenta ou negra". O carvão ardente é vermelho, e o carvão resfriado tem a coloração escura, acinzentada, aspecto ressequido, tal qual a enfermidade. A unidade *antraz* ocorre no *Banco de Dados do DHPB*, em especial, em nosso *corpus* (2 ocorrências no singular e 2 no plural; 1735), contra apenas 1 ocorrência no plural, datada de 1801. Não foi definida no DHPB, uma vez que neste foi dada preferência à contemplação das unidades de maior frequência. A doença é, ainda hoje, conhecida por *carbúnculo* e também por *antraz*.

Quadro 4: Definições de **erisipela**

dicionários	Definições
PDBLP (1972)	**Erisipela** (erysipela), *s.f.* (Med.) Dermite aguda estreptocócica que costuma evolver por surtos. Sinôn., pop.: *mal-do-monte* ou *mal-de-monte*, *mal-da-praia*, *maldita* e *esipra*, Bras. os três últimos.
NDLP (1986)	**erisipela.** [Do gr. *erysípelas*, "enrubescimento da pele", pelo lat. *erysipelas*.] *S.f. Patol*. Doença infecciosa contagiosa, estreptocócica, que atinge pele e plano subcutâneo, e se caracteriza, clinicamente, pelo rubor e tumefação das áreas lesadas, além de acarretar sintomas constitucionais. [Sin. (pop.): *mal-do-monte* ou *mal-de-monte* e (bras.) *mal-da-praia*, *maldita* e *esipra*.]
NDEA (2010)	**erisipela** [Do gr. *erysípelas*, "enrubescimento da pele", pelo lat. *erysipelas* (com *e* breve).] **Substantivo feminino.** 1. Med. **Doença infecciosa contagiosa, estreptocócica, que atinge pele e plano subcutâneo, e se caracteriza, clinicamente, pelo rubor e tumefação das áreas lesadas, além de acarretar sintomas constitucionais.** [Sin. (pop.): *mal do monte* ou *mal de monte* e (bras.) *mal da praia*, *maldita* e *esipra*.] [A melhor f. seria *erisípela*, mas o uso consagrou a f. paroxítona.]
DHPB (inédito)	**erisipela** *s.f.* variantes: erizipela, erysipela. Inflamação na pele, caracterizada por dores e rubor na parte inflamada, acompanhada por pequenas vesículas cheias de serosidade, que se secam no fim de alguns dias. He tão singular este empasto, que naõ he razaõ passe em silencio virtudes taõ excellentes. […] he certo, e muyto experimentado nas queymaduras, nas inflãmaçoens, nos tumores, nas **erisipelas**, nas feridas, nas chagas podres, e corrosivas […]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) **[1735]**, DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ASSIM EXPERIMEN ADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO ESCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERSAS ENFERMIDADES [B00_0031 p. 128]. Remedio para **erizipela**. Cozaõ folhas de malvas tenras, e dos olhos de dentro, em manteiga de vacca fresca feita de leite do mesmo dia, e depois de bem cozidas, se unte com aquelle oleo a parte erizipelada varias vezes, e logo sarará. JOSÉ ANTONIO MENDES (1770) **[séc. XVIII]**, CAPITULO XV - E ULTIMO DESTA OBRA, EM QUE VOS QUERO NOTICIAR MUITOS REMEDIOS PARA VARIAS QUEIXAS, E O MODO COMO OS DEVEIS UZAR, E DESCOBRIRVOS ALGUNS SEGREDOS, COM OS QUAES TENHO BOAS CURAS, E TODOS BEM EXPERIMENTADOS [A00_2405 p. 106]. **1.ª datação [1697]** Desde então, além das frequentes repetições da **erysipela** e do agudo prurido das empigens, attacado de uma febre lenta, embora de vez em quando ligeirissima, e ora levantando-se da cama, ora, com intervallo de alguns dias, deitando-se de novo, recolheu-se de repente ao seu quarto […]. JOÃO ANTONIO ANDREONI (1897) **[1697]**, IV. - CARTA DO p. REYTOR DO COLLEGIO DA BAHIA / CARTA DO p. REITOR DO COLLEGIO DA BAHIA, EM QUE DÁ "conta" AO p. GERAL DA MORTE DO p. ANTONIO VIERA, E REFERE AS PRINCIPAES ACÇÕES DE SUA VIDA[A00_1317 p. 159].

Fonte: Elaboração própria

O Quadro 4 traz as definições da unidade lexical *erisipela*.

O PDBLP (1972) apresenta, entre parênteses, uma forma antiga da unidade ["(erysipela)"], provavelmente indicando sua origem. No entanto, em momento algum de

sua apresentação, comenta o recurso. Na sequência, inclui a marca diatécnica (Med.) que precede a definição própria de tipo hiperonímico (Bosque, 1982) "dermite aguda estreptocócica", o termo genérico "dermite", antecipa tratar-se de doença relacionada à pele ("*inflamação na derme*", segundo definição do próprio dicionário). O verbete traz ainda alguns sinônimos etiquetados como variáveis: diafásica – "pop." (popular) e diatópica – "bras." (brasileirismo). Ao procurarmos as definições de tais sinônimos na mesma obra, todas elas nos remetem a *erisipela* "(V. erisipela)". E, embora esse dicionário tenha marcado como brasileirismo somente os três últimos sinônimos, a mesma etiqueta está presente nas definições de todos eles. Já a etiqueta "pop." aparece somente na definição de *maldita*.

O NDLP (1986), além de trazer informações etimológicas, onde já se pode notar a relação da doença com a pele ("enrubescimento da pele"), marca-a com a etiqueta "Patol." e define-a como "Doença infecciosa contagiosa, estreptocócica, que atinge pele e plano subcutâneo [...]". Tal definição nos remete à tipologia de Bosque (1982), segundo a qual, teríamos uma definição própria ("Doença infecciosa contagiosa, estreptocócica"), seguida de uma definição enciclopédica ("que atinge pele e plano subcutâneo"). Traz, em seguida, exatamente os mesmos sinônimos que o PDBLP (1972), etiquetados da mesma maneira, e cujas definições também remetem a *erisipela* ("V. erisipela").

O verbete *erisipela* no NDEA (2010) constitui cópia fiel do verbete do dicionário anterior (NDLP, 1986), distinguindo-se somente pela substituição da marca "Patol.", mais específica, por "Med.", menos específica, e pelo acréscimo, ao final, de uma informação enciclopédica a respeito da variante fonética consagrada pelo uso ("[A melhor f. seria *erisípela*, mas o uso consagrou a f. paroxítona.]").

O DHPB atesta que a unidade **erisipela** é utilizada desde o século XVII ("[1697]") para referir "*inflamação na pele*". A unidade lexical conserva a mesma definição lexicográfica até os dias atuais.

Quadro 5: Definições de *lepra*

dicionários	Definições: lepra
PDBLP (1972)	**Lepra**, *s.f.* (Med.) Infecção crônica produzida por um bacilo específico, chamado *bacilo de Hansen* (sinôn.: *elefantíase-dos-gregos*, *morfeia*, *mal de Hansen*, *guarucaia*, *mal*, *mal-bruto*, *mal-de-cuia*, *mal-de-fígado*, *mal-de-lázaro*, *mal-de-são-lázaro*, *mal-do-sangue*, *mal-morfético*, *macota*, *macutena*); (pop.) sarna de cachorro; (fig.) vício que se propaga como a *lepra*; (Bras., Sul) pessoa ruim, imprestável.
NDLP (1986)	**lepra.** [Do gr. *lépra*, pelo lat. *lepra*.] *S.f.* **1.** *Patol*. Infecção crônica devida a uma micobactéria (*Mycobacterium leprae*) descrita, em 1874, por Gerhard Armauer Hansen (1841-1912), médico norueguês. [Sin.: *hanseníase*, *gafa*, *gafo*, *lazeira*, *elefantíase-dos-gregos*, *mal de Hansen*, *mal-bruto*, *mal-de-lázaro*, *mal-de-são-lázaro*, *mal-morfético*, *morfeia* e (bras.) *mal*, *mal-do-sangue*, *mal-de-cuia*, *guarucaia*, *macota*, *macutena*.] **2.** *Pop*. Sarna de cachorro. **3.** *Fig*. Vício que se propaga como a lepra. **4.** *Bras., S*. Pessoa ruim, imprestável.
NDEA (2010)	**lepra** [Do gr. *lepra,* pelo lat. *lepra*.] **Substantivo feminino.** 1. Patol. **V. *hanseníase*.** 2. Pop. **Sarna de cachorro.** 3. Fig. **Vício que se propaga como a lepra.** 4. Bras. S. Fig. **Pessoa ruim, imprestável.**

continua

dicionários	Definições: lepra
DHPB (inédito)	**lepra *s.f.*** Doença contagiosa que ataca a pele e a cobre com crostas e escamas e vai comendo a carne com comichão. Estava Job coberto de **lepra**, com as dôres e trabalhos que tantas vezes se têm repetido nos pulpitos, e nunca assaz exaggerado, começa a queixar-se […]. PADRE ANTONIO VIEIRA (1951) **[1634]**, SERMÃO DO SABBADO ANTES DA DOMINGA DE RAMOS [A00_0901 p. 251]. **Expressão sintagmática** Lepra da alma Pecado. […] as palavras de Christo curaram a lepra do corpo, as do confessor curam a **lepra da alma** […]. PADRE ANTONIO VIEIRA (1951) **[1654]**, SERMÃO DA PUBLICAÇÃO DO JUBILEU [A00_1050 p. 131]. **1.ª datação [1607]** […] e bem instruido lhe deu o baptismo santo com o qual foi Deos servido alimpal-o da **lepra** da alma e juntamente da do corpo. PADRE PEDRO RODRIGUES (1897) **[1607]**, I. - VIDA DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA, PELO PADRE PEDRO RODRIGUES [A00_1316 p. 39].

Fonte: Elaboração própria

Neste quadro, por fim, temos as definições dos quatro dicionários em análise para a unidade lexical *lepra*.

O PDBLP (1972) etiqueta a unidade lexical com a marca de especialidade "(Med.)", como nos outros casos citados do mesmo dicionário. Não traz o nome científico do agente causador da doença, como o faz o NDLP (1986), mas já o relaciona ao nome do médico norueguês que descreveu a bactéria no século XIX, através de "bacilo de Hansen". Apresenta, para esta unidade, vasta sinonímia, além das variáveis diafásicas, etiquetadas por "(pop.)" — popular, e "(fig.)" — figuradamente, de acordo com sua lista de abreviaturas; e diatópica, etiquetada por "(Bras., Sul)". Se confrontarmos na nomenclatura deste dicionário as unidades apresentadas como sinônimas de *lepra*, veremos que todas elas (exceto *mal-de-Hansen*, que não se encontra na nomenclatura) nos remetem à doença ["(V. *Lepra.*)"].

No NDLP (1986), a definição praticamente coincide com aquela apresentada no PDBLP (1972). No entanto, são acrescentadas informações enciclopédicas a respeito da bactéria causadora da doença ["*(Mycobacterium leprae)*"], bem como a respeito de quando ("1874") e por quem foi descrita ("Gerhard Armauer Hansen (1841-1912), médico norueguês"). Além disso, o dicionário traz informações sobre a etimologia da unidade, utiliza a marca de especialidade "Patol." para a acepção principal, e ordena numericamente suas acepções. As marcas linguísticas para as variáveis também são as mesmas ("Pop.", "Fig.", "Bras. S."). Seu rol de sinonímia é ainda mais abrangente que o do PDBLP e nele já consta a unidade lexical *hanseníase*, utilizada nos dias atuais para a denominação dessa doença. Uma breve observação em tais verbetes presentes no NDLP, também, nos remete à *lepra* ("V. lepra").

Lazeira, unidade lexical presente no rol de sinonímia do NDLP (1986), também, se encontra na nomenclatura do PDBLP (1972), remetendo ao verbete *lepra*. No entanto, como podemos conferir no Quadro 5, não está listada no rol de sinonímias deste verbete.

O NDEA (2010) mantém as informações etimológicas do dicionário anterior, no entanto, nos remete de imediato, em sua primeira acepção etiquetada com a marca "Patol.", pela primeira vez dentre os dicionários analisados, ao verbete *hanseníase* ("1. Patol. *V. hanseníase*."). Etiquetas e definições permanecem as mesmas. Contudo,

as variantes desta unidade lexical aparecem somente no verbete *hanseníase*, como podemos notar no Quadro 6.

Se analisarmos as variáveis diafásicas e a variável diatópica, encontradas nestes três dicionários, podemos notar algumas características associadas à doença em questão, como em "sarna", que nos remete à sua aparência; em "propaga", relacionado à sua contagiosidade; e "ruim", característica comum a toda e qualquer doença. Nenhuma das definições desses três dicionários, no entanto, indica que a doença se manifesta na pele. Somente pela observação do verbete *hanseníase* deste último é que podemos constatar tal fato:

Quadro 6: Definição de *hanseníase*, no *NDEA (2010)*

Definições
hanseníase [Do antr. *Hansen* (v. *hanseniano*)+ *-íase*.] **Substantivo feminino.** 1. Patol. **Infecção crônica causada pelo microrganismo *Mycobacterium leprae*, que produz lesões na pele, mucosas e nervos periféricos. [Sin.: *lepra*, *gafa*, *gafeira*, *gafo*, *lazeira*, *elefantíase dos gregos*, *mal de Hansen*, *mal-bruto*, *mal de lázaro*, *mal de são lázaro*, *mal-morfético*, *morfeia* e (bras.) *mal*, *mal do sangue*, *mal de cuia*, *guarucaia*, *macota*, *macutena*.]**

Fonte: Elaboração própria

Finalmente, o DHPB (inédito) comprova o traço de "doença [...] que ataca a pele" na própria definição de *lepra*. Ele não traz a sinonímia da unidade lexical e, se buscarmos as unidades sinônimas citadas pelos outros dicionários, no *Banco de Dados do DHPB*, podemos encontrar ocorrências somente de *morfeia* (*morféa* (uma ocorrência), *morfeas* (duas ocorrências, sendo uma delas em nosso *corpus*) e *Mal de Morfea* (uma ocorrência)). A unidade não foi definida pelo DHPB, pois possui baixa frequência de ocorrência.

Podemos notar que a designação da doença varia, ao longo do tempo. A doença alastrou-se e com ela expandiram-se as formas que a designam: "lazeira", "mal de lázaro", "mal de Hansen", só para citar algumas do grande rol de sinonímias. Atualmente, entretanto, a unidade lexical "lepra" já não é mais a unidade de escolha da terminologia médica. A designação "lepra" foi substituída pela designação "hanseníase" e, modernamente, a enfermidade é abordada não apenas do ponto de vista da Dermatologia, mas também da Neurologia (FIOCRUZ). "Mal de Hansen" e "hansenía-se" são unidades lexicais terminológicas epônimas do nome próprio do médico que descreveu a doença – Gerhard Armauer Hansen. "Hanseníase" prevaleceu como unidade lexical concorrente de "lepra", e o fato de a forma "lepra" quase já não ser mais usada pelos profissionais da saúde ou pela sociedade não quer dizer que a doença deformante e contagiosa da antiguidade tenha desaparecido. Em nosso país, embora as pesquisas demonstrem que a ocorrência tenha diminuído, a doença ainda não foi erradicada (FIOCRUZ).

Podemos concluir, nesse caso, que embora exista uma nova unidade lexical para designar a enfermidade – cuja descrição, diagnóstico e tratamento evoluíram – o tratamento lexicográfico (definição e rótulo) ainda não acompanha o conhecimento médico que hoje se tem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seguindo as reflexões de Bosque (1982), podemos concluir que em relação à natureza da metalinguagem empregada, todas as definições relativas às doenças, anteriormente arroladas, podem ser classificadas como *definições próprias hiperonímicas*, isto é, formuladas segundo uma metalinguagem de conteúdo, e que remetem "a uma categoria de maior extensão semântica (seu *hiperônimo*), da qual constitui um de seus *hipônimos*"[8] (1982, p. 107, tradução nossa). No caso das definições por nós selecionadas, então, o hiperônimo de *carbúnculo*, *erisipela* e *lepra* é "doença".

Já em relação à natureza do definido (*definiendum*) e à informação proporcionada na definição, podemos notar características da definição enciclopédica, uma vez que as definições aqui apresentadas fazem "uma descrição, relativamente pormenorizada, das realidades representadas"[9] pelas unidades lexicais carbúnculo, *erisipela* e *lepra* (PORTO DAPENA, 2002, p. 278, tradução nossa).

Por meio da análise comparativa do tratamento lexicográfico aplicado às unidades lexicais recolhidas neste trabalho, pudemos exemplificar um dos tipos de definição apresentado por Bosque (1982), além de demonstrarmos um breve histórico da evolução no tratamento lexicográfico de tais unidades. Com base em dados da Fiocruz, notamos que algumas enfermidades que acometiam os brasileiros do século XVIII, ainda os acometem nos dias atuais: a lepra/hanseníase, por exemplo, uma doença de tratamento conhecido e que poderia estar erradicada, ainda configura sério problema de saúde pública em nosso país.

O estudo dos textos de Porto Dapena (2002) e de Bosque (1982) contribui, assim, não só para o entendimento dos conceitos de macro e microestrutura, como também para uma reflexão de como devem ser delimitadas tais estruturas em uma obra lexicográfica.

8 "[…] a una categoría de mayor extensión semántica (su hiperónimo) de la que dicho vocablo constituye uno de sus hipónimos." (Bosque, 1982, p. 107).

9 "[…] una descripción, relativamente pormenorizada, de las realidades representadas […]". (Porto Dapena, 2002, p. 278).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANCO de dados do Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII. Disponível em: <<http://lablex.fclar.unesp.br/philologic>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

BIDERMAN, M. T. C.; MURAKAWA, C. de A. A. (Orgs.). **Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII**.

BOSQUE, I. Sobre la teoría de la definición lexicográfica. **Verba**, Santiago de Compostela, 9, pp. 105-123, 1982.

BUGUEÑO MIRANDA, F.; FARIAS, V. S. Princípios para o desenvolvimento de uma teoria da definição lexicográfica. **Alfa**, São Paulo, v. 55, n. 1, pp. 31-61, 2011.

CABRÉ, M. T. **La terminología:** representación y comunicación. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 1999.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa**. 10. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

_____. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio.** Versão 7.0. Curitiba: Positivo, 2010. 1 CD-ROM.

FERREIRA, L. G. Erário Mineral. Lisboa Occidental: Officina de Miguel Rodrigues, 1735. In: **Banco de dados do Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII**. Disponível em: <<http://lablex.fclar.unesp.br/philologic>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

FIOCRUZ. Hanseníase. Disponível em: <<https://agencia.fiocruz.br/hanseniase>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

_____. Hanseníase: Brasil é o único país que não conseguiu eliminar sua propagação. Disponível em: <http://portal.fiocruz.br/pt-br/content/hanseniase-reducao-de-casos-nao-sera-suficiente-para-que-o-pais-elimine-doenca-ate-o-fim-de. Acesso em: 30 mar. 2016.

PORTO DAPENA, J. A. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: Arco/Libros, 2002.